

OBRAS DO METRÔ SUFOCAM LOJAS

DF-Metrô
004
Reportagem 0008

COMERCIANTES DA
GALERIA DOS ESTADOS
ACUMULAM
PREJUÍZOS. MUITOS
CANSAM DE ESPERAR
PELOS FREGUESES E
DESISTEM DO NEGÓCIO

Flávia Filipini
Da equipe do Correio

A espera custa caro para os lojistas da Galeria dos Estados, no Setor Comercial Sul. Enquanto aguardam a conclusão das obras da estação do metrô, eles amargam grandes prejuízos. Cercados por tapumes, o que impossibilita a passagem de consumidores pela galeria, muitos fecharam suas portas. Há tempos, a galeria perdeu sua maior característica, a de vender produtos oriundos de outros estados. De 1979 para cá a mudança foi lenta e gradativa, sem crise. Mas atualmente, segundo a Associação dos Lojistas da Galeria, a crise e o abandono tomaram conta da área: 23 das 38 lojas (60,5%) estão desativadas.

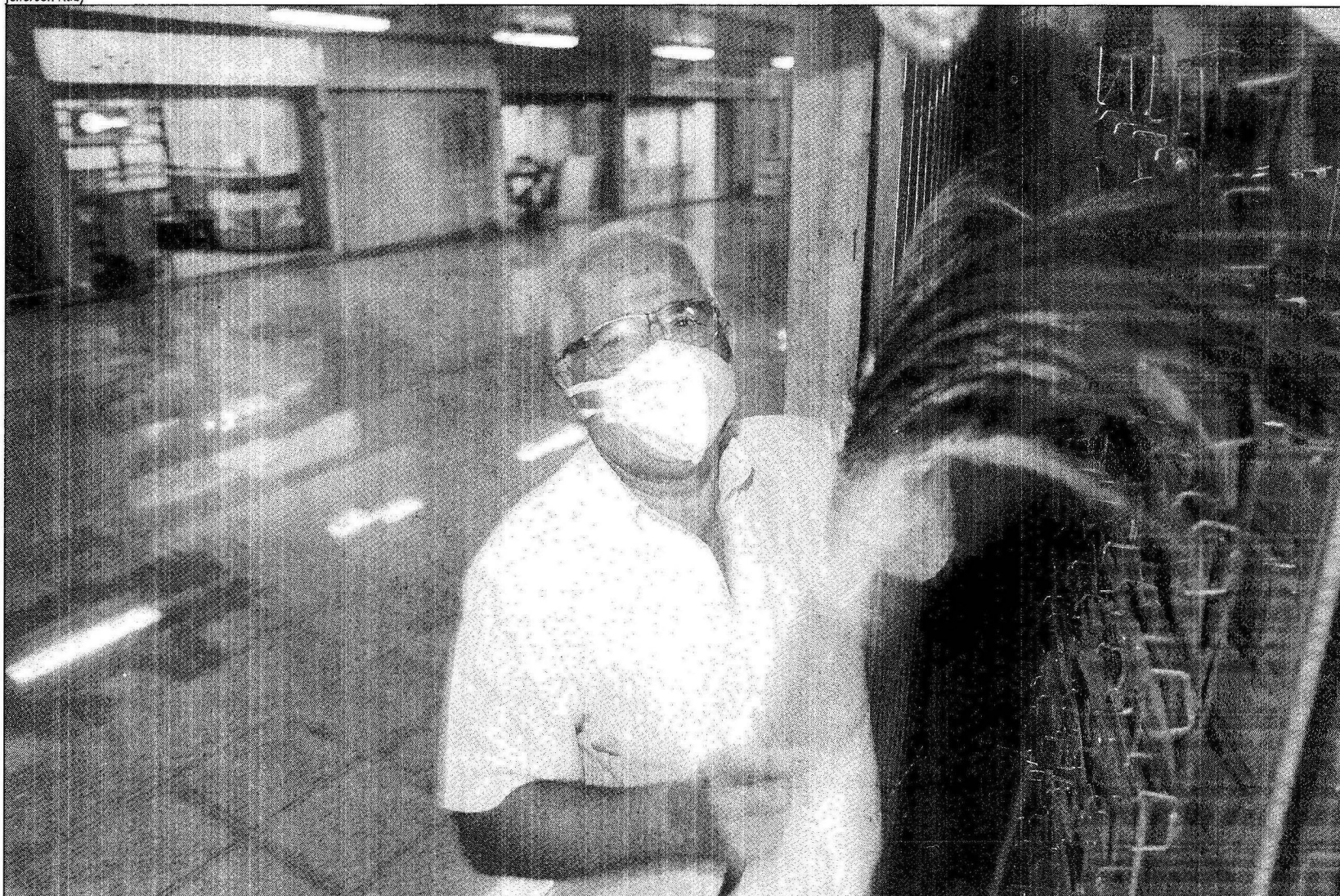
É possível perceber a esperança frustrada de alguns lojistas. Eles esperavam que a galeria fosse desinertizada no prazo estabelecido pelo governo para a conclusão das obras no local. Na porta fechada da ProSport, por exemplo, lê-se numa placa suja de poeira: "Reabriremos em outubro de 1998".

Nesta semana, o dono da lanchonete Fuga Lanches Naturais, Raimundo Carvalho, entrou para o time dos que cansaram de esperar: fechou a loja e colocou à venda seus equipamentos de refrigeração. Questionado sobre a possibilidade de esperar, já que a galeria promete virar um lucrativo ponto de venda quando o metrô ficar pronto, o comerciante retrucou: "Você sabe quando é esse quando?"

Os comerciantes estão desistindo do negócio porque não aguentam mais pagar taxas e aluguéis que variam de R\$ 800 a R\$ 1.400, sem ter renda. "Os prejuízos são incalculáveis", diz Carvalho, que pretende reabrir a lanchonete em outro ponto da cidade.

Para quem insiste em permanecer na galeria, a previsão é que o prejuízo aumente. O dono da loja Souvenir Presentes, Antonio Bernardes, 72

Jefferson Rudy



Espanador e máscara cirúrgica: Bernardes, dono da Souvenir Presentes, diz que a poeira causou prejuízos à sua saúde. Ele pede à Justiça R\$ 180 mil de indenização

anos, afirma que faturava cerca de R\$ 6 mil por mês antes da obra ser reiniciada, no ano passado. "Agora vendo R\$ 1 mil e pago R\$ 1,4 mil em taxas e aluguel." Bernardes está processando a Telebrasil e o Governo do Distrito Federal pelo prejuízo. Pede à Justiça R\$ 180 mil de indenização.

As perdas contabilizadas por Bernardes realmente impressionam. Ele conta que no ano passado a galeria passou dois meses e meio sem água, luz e telefone. "Os outros comerciantes tiveram perdão do aluguel nesse

período, mas eu, que entrei na Justiça, continuei pagando", afirma. Entre os prejuízos, o empresário calcula o estrago de produtos, provocado, segundo ele, pela poeira da construção, a quebra pelas britadeiras das quatro portas de vidro e uma rachadura na parede externa da loja.

Bernardes se acha muito velho para incluir nas suas contas os problemas de saúde. "Não posso dizer que sou doente por causa do metrô. Velho sempre tem doença. Mas a poeira agravou a situação", diz o co-

merciante, ao lembrar que quando a obra estava a pleno vapor trabalhava armado de um espanador e máscara cirúrgica. Apesar dos problemas, Bernardes afirma que pretende deixar o local. "Estou aqui desde 1979 e vou ficar até à morte."

Outra que não quer deixar a galeria é Maria Inês Fontenelle, dona da loja de roupa infantil Cegonha, e presidente da Associação dos Lojistas. Ela conta que faturava R\$ 2 mil por mês, mas hoje não ganha nada. "Para pagar taxas e aluguel que so-

mam R\$ 800, preciso pedir dinheiro ao meu marido", confessa. Situação mais grave é a do comerciante Arthur da Costa Teixeira, de 60 anos. Dono do Chaveiro Trancalar, também desde 1979, Teixeira sofre com o medo de ser despejado. O telefone e a água foram cortados por falta de pagamento. Há dois meses ele não paga o aluguel nem a conta de luz. "Eu não posso nem pedir para parcelar o débito porque não tenho dinheiro", diz o comerciante.

Teixeira fatura R\$ 5 por dia. Com

esse dinheiro, compra comida e paga um aluguel de R\$ 350 em Vila Planalto. "Venho para a galeria com esperança de ver os clientes voltarem. No fim do dia volto para casa mais estressado ainda."

Os consumidores também estão decepcionados com o abandono da galeria. A telefonista Sandra Macedo, 19 anos, acha que os comerciantes não têm mais alegria em trabalhar. "As poucas lojas que sobraram estão vazias". O comerciante de Taguatinga Valdeci da Costa e Silva, 32 anos, afirma que sempre visitou a galeria, mas nunca a viu tão vazia. "Fiquei surpreso quando encontrei o lugar desse jeito."

Nesta semana, representantes dos lojistas receberam o secretário de Obras do GDF, Tadeu Filipelli. Ele disse que já atendeu a alguns pedidos dos comerciantes, como tirar água de um dos poços dos elevadores que dão acesso à estação e iluminar a plataforma do Setor Comercial. Mas quanto a conclusão da obra, foi objetivo e direto: "Não existe qualquer previsão."

Segundo Filipelli, o GDF tem ainda uma dívida de R\$ 42 milhões com a consórcio de empreiteiras que constrói o metrô, o Brasmetrô. "Não podemos pensar em novos investimentos sem antes renegociar essa dívida." Filipelli informa que representantes do governo tiveram seis reuniões com técnicos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) — uma das fontes de financiamento — mas as negociações estão suspensas até que o problema da dívida seja solucionado.

Na tarde de terça-feira os comerciantes da galeria se reuniram para fazer uma lista de reivindicações que serão levadas novamente ao secretário. Os lojistas querem a abertura dos banheiros públicos, um melhor tratamento para os jardins e mais segurança. "É o mínimo que podemos exigir", conclui Maria de Jesus, dona do restaurante Floresta.